

SALIM MIGUEL: INTIMIDADE COM A LITERATURA

Está chegando em todas as livrarias do Brasil, o livro *A VOZ SUBMERSA*, de Salim Miguel. O lançamento, da Global Editora, é mais um volume da Coleção Múltipla, dirigida pela escritora Edla van Steen. Salim Miguel é jornalista e escritor. Em Santa Catarina, sua terra, onde nasceu em 1924, participou ativamente do movimento cultural do conhecido Grupo Sul, cuja animação artística ia do teatro passando pelas artes plásticas, cinema, editoração, literatura. Sem abandonar o jornalismo, colabora na Enciclopédia Delta-Larousse escrevendo verbetes sobre escritores brasileiros e lança, entre 1976 e 1980, juntamente com Cícero Sandroni, Eglê Malheiros, Fausto Cunha e Laura Sandroni, a revista *Ficção*. Atualmente é diretor-executivo da Editora da UFSC e assina a coluna "Livros" no jornal *O Estado*, de Santa Catarina. Aqui, uma entrevista com o escritor e jornalista Salim Miguel, onde ele fala de seu livro, de sua experiência, de sua vida.

FERNANDO COELHO — Como vê o autor brasileiro hoje em relação com seu público leitor?

SALIM MIGUEL — Vejo o autor brasileiro lutando para sobreviver, da mesma forma que o público leitor. Quanto ao inter-relacionamento, há, sem dúvida, necessidade de se buscar instrumentos que aproximem autor/leitor. Mas este é um processo que depende do esforço do País como um todo. Lógico que não se pode querer (num País em crise aguda e onde o gosto pela leitura inexistente, com outros meios de comunicação mais fáceis e superficiais avançando) que camadas amplas do povo se interessem pelo livro que, se é fascinante como proposta, exige maior participação. Mais: costume dizer que a não ser uma pequena faixa de fanáticos que sacrifica outros itens em favor do livro, entre escolher o chamado "pão-do-espírito" e o "pão-do-corpo", a maioria fica com este último quando lhe é possível optar. Sem falar nos que tudo podem comprar, mas não se lembram nunca dos livros.

FERNANDO COELHO — Agora, como escritor e sendo ao mesmo tempo crítico de literatura, o que acha de estar do outro lado?

SALIM MIGUEL — Nunca me considerei "do outro lado". Na verdade, bem ou mal, em mim sempre procuraram coexistir o possível criador e o possível crítico. Se bem que, a meu ver, entre nós a crítica literária seja um animal em extinção. Veja, não se pode fazer crítica e engavetar, como se faz com a ficção ou a poesia. A crítica é para já como as eleições diretas para presidente. Então, o que hoje temos, é mais a resenha, que procura situar sucintamente obra e autor, dentro de limitados espaços. Os órgãos de comunicação, também afetados pela crise, se fecham cada vez mais para a área de cultura, que não oferece retorno imediato. Além da resenha, temos é o ensaio universitário, muitas vezes esotérico, feito "de entendidos para entendidos".

FERNANDO COELHO — Muita gente tem achado que a crítica literária é pouco original. O que você acha?

SALIM MIGUEL — Em parte a pergunta já foi respondida no item anterior, quando eu digo que a crítica literária entre nós (será só entre nós) praticamente deixou de existir, substituída pela resenha. Uma primeira observação é que a crítica não sendo um trabalho de criação necessita de um embasamento teórico. Para exatamente poder me-

Ihor atuar e analisar a obra de criação. Mas aceitando-se a formulação de "muita gente" (só para um exercício de raciocínio) ter-se-ia que chegar a uma conclusão mais ou menos óbvia: se a crítica é pouco original, a criação também será pouco original? Não sei. É uma colocação arriscada. Não me parece que assim seja. E veja você aonde a manipulação das palavras pode nos levar.

FERNANDO COELHO — De onde vem o seu gosto pela literatura? Há quanto tempo você se dedica à tarefa de escrever?

SALIM MIGUEL — Ao que me lembra, desde sempre me interessei por literatura. Será porque meus pais, libaneses, liam bastante, discutiam conosco, tendo meu pai sido professor em sua terra e minha mãe estudado inclusive inglês e russo? Ou por que, no interior de Santa Catarina, onde me criei, eu vivia ouvindo/reinventando causos, que me emocionavam e apavoravam, num jogo lúdico que persiste até hoje? De qualquer forma, ainda em Biguaçu, devorei todas as bibliotecas que encontrei, juntava tostões para comprar livros, lia e relia até os anúncios de jornal quando nada mais existia. Aos 13/14 anos, influenciado pelos Tarzans e Buridans da vida, escrevi uma rocambolesca aventura desenrolada numa África-Europa biguaçuense. Feliz (ou infelizmente) o cabuloso original se perdeu. Mas foi em Florianópolis, aos 19/20 anos, que começaram a aparecer os primeiros escritos, junto com trabalhos de outros jovens, desembocando a seguir no chamado Grupo SUL, que mexeu com as envelhecidas estruturas da terrinha. Quanto ao "dedicar-me à tarefa de escrever", não creio ter feito outra coisa na vida. Digo escrever em seu sentido mais amplo, pois tenho sobrevivido da profissão de jornalista. Ou então de profissões correlatas, diretamente ligadas ao livro e à escrita.

FERNANDO COELHO — Em sua opinião a linguagem literária deve ser acessível?

SALIM MIGUEL — Em primeiro lugar a linguagem literária deve ser autêntica, refletir o escritor, sua maneira de ser, de sentir, de captar, suas preocupações, sabendo transmitir com inteligência sua visão de mundo. Quanto ao acessível, sem querer fazer qualquer espécie de jogo, eu diria que é uma palavra difícil. Acessível como, em que sentido? Se por "acessível" quer-se dizer simplificação e empobrecimento do texto, não creio. Pois a vida nunca é simples ou simplificada. Ela é profunda e complexa. Por outro lado, quem escreve quer se comunicar, quer dar seu recado. E precisa dá-lo de modo coerente e compreensível. Então, o melhor é procurar realizar-se sendo fiel à sua maneira de ser, através de formas e fórmulas que levem em consideração a necessidade de expressão e a necessidade de se atingir o público. Mas existe outro componente que merece ser considerado: há temas e temas, e uns podem ser tratados com mais acessibilidade; outros não. Alcançar o tom exato depende da sensibilidade e da capacidade de cada um.

FERNANDO COELHO — Você acredita que as editoras estão dando mais valor para a ficção brasileira?

SALIM MIGUEL — Parece-me que sim. Se algumas editoras insistem em publicar mais o lixo das linhas-de-montagem e os best-sellers estrangeiros, que já nos chegam pagos lá fora e com uma carga promocional enorme, outras dão força ao autor nacional, valorizando-o e valorizando-se. Veja bem que não sou contra o livro estrangeiro. Nem poderia. Temos que conhecer o que de melhor se produz em todas as regiões e em todas as esferas do saber. Inclusive para que possamos ter um parâmetro de valorização e não nos ilharmos xenofobicamente. Mas se as editoras não derem uma força ao autor nacional (e não me refiro estritamente à área da ficção, mas a todas de uma maneira geral) estagnaremos. E é também da quantidade que acaba por surgir a qualidade.

FERNANDO COELHO — Como é seu livro A VOZ SUBMERSA?

SALIM MIGUEL — Rio, março, 1968. Involuntariamente, uma mulher se vê envolvida nas manifestações de protesto contra o assassinato de um estudante no Calabouço. Por entre a multidão, na Cinelândia, ela tenta escapar do tumulto. Eis o eixo

acionador da trama, que se desdobra em três blocos, o segundo com sete subdivisões. No primeiro, num longo telefonema, espécie de diálogo/monólogo, a personagem tenta contar à mãe o que foram aquelas horas de horror e de angústia, tenta apreender seu mundo interior. Não consegue. Há um bloqueio, uma voz submersa que não vem à tona. Então, num jorro incoerente e tumultuado, ela fala de tudo, desordenadamente, avança e recua no tempo e no espaço, refere-se à infância em Florianópolis e Biguaçu, à vida no Rio, à família do marido originária de Campos. Afé temos, ao mesmo tempo, um relato angustiante e tenso, fático e dramático, fundindo o real e o imaginário, que busca ao mesmo tempo retratar aquela mulher e as quimeras da classe média, conforme acentua no prefácio a professora e ensaísta Edda Arzuza Ferreira. Para o segundo bloco, o melhor exemplo que posso dar é: concluída a construção de uma casa, num olhar de avaliação vemos que existem minúcias para arrematar, coisas que não foram devidamente resolvidas. Foi isto que busquei, intencionalmente. Deixar na sombra e em recônditos desvios algo da personalidade desta mulher e da trama que compõe a estrutura narrativa. Nos sete sub-blocos, então, tentei respeitar uma lógica interior, iluminando assim certos aspectos da trama, toda ela centrada na personagem principal. Gostaria de chamar a atenção para o fato de que tais sub-blocos não são arbitrários, há uma coerência intrínseca a comandar tudo, pois neles só temos situações e/ou personagens que interferem direta e basicamente na vida da personagem central. Enfim, no último bloco é o próprio autor, sob certos aspectos vencido, que se debruça sobre sua criatura, dirigindo-se a ela e com ela querendo dialogar e lhe dizendo que muito embora todo o esforço dispendido, ela lhe escape, não tendo ele conseguido transmitir a complexidade de vida que amana e explode daquele ser humano, personalidade deformada que vê deformado o mundo que a cerca.

FERNANDO COELHO — Você vê saída para a classe média brasileira?

SALIM MIGUEL — Que classe média? Isto ainda existe? Aceitando-se que ela não foi de todo tragada (parte infinitesimal chegando até à classe dita alta, e a grande maioria achatada), a saída não me parece só para este resíduo de classe média. A saída tem que vir para o País como um todo, principalmente para aqueles que sempre estiveram marginalizados e que são hoje a grande maioria do povo brasileiro. Sem profundas transformações estruturais, em tudo que aí está, não vejo saída nenhuma para ninguém. A crise que nos assola, e que vem se ampliando a cada ano, a cada mês, a cada semana, tem componentes dramáticos que merecem análise mais acurada; e para sairmos dela só com a participação efetiva de toda a Nação.

RICARDO RAMOS, SOBREVIVENTE, apesar de tudo

É assim Ricardo Ramos, que vive e sobrevive.

Como um fantasma, silencioso e pacato, o sobrinho lhe persegue. Há 55 anos. Mas confessa, sincero, que sua obra não tem ligação estreita e nem larga com a de seu pai, Graciliano Ramos. Advogado, preferiu o jornalismo e a publicidade. Está fazendo 30 anos de criação literária. E no próximo dia 11 de setembro, na Livraria Capitu — Rua Pinheiros, 339 — o bom alagoano vai autografar seu 13º livro. É O sobrevivente, editado pela Global na Coleção Múltipla. Conversamos uma tarde, tragicamente fria, na Casa Guilherme de Almeida. E Ricardo viajou pelas palavras, pela vida, pelo silêncio. Como convém a um grande contador de histórias.

FERNANDO COELHO — Você é um sobrevivente?

RICARDO RAMOS — Não tenha dúvida disso. E este livro fala desta sobrevivência. São contos. E a partir do conto título, há outros contos que focalizam o problema da resistência da personagem num mundo adverso. São figuras que reagem, se recuperam, se renovam e ressurgem dentro de um quadro totalmente desfavorável. Isso é visto sob o prisma de temáticas diversas. Variando do amor ao social.

FERNANDO COELHO — Basicamente é isso seu livro?

RICARDO RAMOS — O livro pega exatamente um tipo de personagem sempre no confronto com uma sociedade que lhe é negativa, contrária. Por restritiva ou mesmo antagonista que seja. O mundo, assim, é adverso. Acho que o sistema social sob o qual a gente vive é contrário ao homem. É um sistema que limita, diminui e plora a pessoa humana.

FERNANDO COELHO — E como é que você consegue viver tão profundamente humano, intérprete destas fraquezas, numa sociedade assim?

RICARDO RAMOS — Não canso de repetir que sou um homem comum. Não sofro mais do que as outras pessoas, mas também procuro dizer o que sinto, sem esconder nada, porque, de forma mais particular, possa observar melhor as pessoas, senti-las de forma mais próxima, descobrir enredos nelas. É meu ofício.

FERNANDO COELHO — Que afinidade há entre você e os seus personagens? Vocês terminam se gostando, se detestando? Como é isso?

RICARDO RAMOS — O negócio é ser íntimo da personagem, conhecê-la inteiramente a ponto de sabermos com precisão toda a sua verdade. Eu, por exemplo, procuro escrever somente sobre aquilo que conheço. Conheço bem as pessoas ligadas ao meu meio, à comunicação, assim como não me é estranho o homem do povo e, por isso mesmo, fica fácil traçar o perfil deles, compreendê-los e conhecer de perto as tramas reais que se desenvolvem a partir de cada um.

FERNANDO COELHO — Não é difícil você, publicitário, fazer um trabalho como escritor do jeito que vem fazendo nestes últimos 20 anos? Alguma coisa lhe atrapalha?

RICARDO RAMOS — Às vezes minha profissão de publicitário atrapalha um pouco mesmo. Toma todo o tempo, absorve muito, mas é aí que aproveito o pique para continuar dentro daquilo que a publicidade oferece no sentido de criatividade, de inovação, embora com pólos diferentes de literatura. A propaganda é uma coisa muito do agora, muito já, assimilando linguagens. Mas com a literatura é diferente. Ela é livre para a renovação, pode ser entendida depois de muito tempo, no futuro.

FERNANDO COELHO — Volta e meia e você é rígido e não perdoa a nossa situação de vida. Aliás, isso é uma espinha dorsal em sua obra. Você não acredita muito nas coisas?

RICARDO RAMOS — Olhe aqui Fernando, posso chegar perto da descrença, da desesperança mas isso tem o sentido profundamente crítico apenas, diante principalmente da organização social que nos oprime, mas não com relação ao homem e os horizontes que ele tem, sonha e luta para conseguir. Mas acredito que esses elementos de pressão terão que desaparecer um dia qualquer e aí, então, o homem vai viver sua liberdade, sua plenitude. Com certeza sou um homem descrente totalmente de nosso sistema social, mas sou um homem absolutamente crente no homem. Temos esperança, ainda.